



A AVALIAÇÃO DIALÓGICA E A SUA APLICABILIDADE NO ENSINO SUPERIOR

Juthsney de Oliveira¹
Marli Terezinha Wagner Adams²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo abordar a avaliação dialógica, fundamentada na perspectiva dialética e a sua aplicabilidade no ensino superior. Para tanto, utiliza-se como metodologia de pesquisa a bibliográfica, com embasamento em obras que abordem o assunto. Propõe-se um estudo direcionado ao diálogo e ao questionamento da realidade, com o intuito de identificar o reflexo desse processo no aprendizado e na construção do conhecimento do aluno. A pesquisa leva ao encontro dos resultados positivos possíveis de serem alcançados, em sala de aula, ao se utilizar a avaliação dialógica. A análise investiga a origem do tema e a relevância da sua abordagem e, ainda, os conceitos da avaliação dialógica e qual comportamento do docente é inerente a essa avaliação. O estudo remete a ela como mudança, possibilitando a transformação baseada na contradição ao modo como se vinha fazendo a avaliação no modelo tradicional, intercedidas pelo movimento. A abordagem aprofunda o conceito da dialética bem como na sua aplicabilidade, investigando a influência na forma de pensar e agir do indivíduo e no seu desenvolvimento intelectual no ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação Dialógica. Transformação.

SCHOOL: SPACE AND TIME EDUCATIONAL INTENTIONS

ABSTRACT: This article aims at assessing dialogic approach, based on dialectical perspective and its applicability in higher education. To do so, it uses as a research methodology literature, with works that address grounding in the subject. Proposes a study directed to dialogue and questioning of reality, in order to identify the reflection of this process in learning and knowledge building of students. The research leads us to meet the possible positive outcomes to be achieved in the classroom to use the dialogical evaluation. The analysis investigates the origin of the theme and relevance of their approach, investigates the concepts of dialogue and what behavior is inherent in the teacher evaluation dialogical. The study refers to as dialogic change, enabling the transformation based on the contradiction to the way they were doing the assessment in the traditional model, intercedidas by movement. The approach deepens the concept of dialectics and its applicability in investigating the influence on the thinking and acting of the individual and in his intellectual development in higher education.

¹ Pós Graduanda em Docência no Ensino Superior. Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia - FACISA, licencianda em Letras pela UFMT. Email: juholiveira.letas@gmail.com.

² Mestre em Educação nas Ciências – UNIJUÍ / RS, Professora da Rede Pública Estadual em Barra do Garças/Mato Grosso (Escola Estadual “Antonio Cristino Côrtes”) e da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia – FACISA. E-mail: marliadams@ibest.com.br.



KEYWORDS: Evaluation. Dialogic. Transformation.

1 INTRODUÇÃO

As diferentes formas de avaliação no ensino superior e os resultados que cada uma proporciona, fundamentados na importância da autonomia intelectual do aluno, ao serem observados, tornam relevante um estudo que aborde a dialógica, como conceito de contradições da realidade em constante transformação, possibilitando a sua compreensão. O assunto levanta questionamentos pertinentes, como enfatiza Cunha, ao escrever que

A questão da avaliação é a mais complexa e pode estar a revelar uma certa incompreensão dos objetivos da proposta (inovadora) por parte dos alunos e/ou uma certa indefinição quanto à forma e ao modo de avaliar numa proposta diferente por parte do professor. Ambos os sentimentos são próprios à construção do novo. (CUNHA, 1998, p. 32).

Ao avaliar fundamentado na perspectiva dialógica, o docente do ensino superior poderá obter resultados relevantes em relação à construção discursiva e intelectual dos alunos, de modo que o proposto, nesta pesquisa, será compreender, por meio de investigação bibliográfica, qual o efeito positivo que essa forma de avaliar pode causar nos alunos do ensino superior. Nessa perspectiva, parte-se da compreensão da sua origem e relevância da sua prática, investigando conceitos que corroboram com a possibilidade de o docente atuar, utilizando tal metodologia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, alicerçada em obras que abordam essa temática, visando efetuar um levantamento de informações teóricas.

A avaliação dialógica, por propor uma forma de estudo voltada para o diálogo e o questionamento da realidade, reflete-se no aprendizado, principalmente no meio acadêmico, por possibilitar ao aluno a construção do conhecimento, tornando-o crítico e capaz de pensar.

Como método de abordagem, utilizar-se-á o dialético, uma vez que a pesquisa permeia a avaliação dialógica, considerando que tal método penetra o mundo dos fenômenos por meio de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno, da mudança dialógica que ocorre na natureza e na sociedade.



2 A AVALIAÇÃO DIALÓGICA E A SUA APLICABILIDADE NO ENSINO SUPERIOR

Ao propor um estudo sobre a avaliação dialógica, fundamentada na dialética, é necessário compreender o contexto em que se fundamenta. Partindo do senso comum, pode-se dizer que dialética é a capacidade que os indivíduos possuem de argumentar ou discutir, buscado uma verdade por meio do antagonismo e conciliando as contradições. Demo, diz que

[...] fazer ciência é, principalmente, saber argumentar, trata-se de exercitar a habilidade de questionar, mas principalmente de se autoquestionar, sabendo das potencialidades e limites do conhecimento; é fundamental superar as ‘contradições performativas’, como questionar e não aceitar ser questionado, avaliar e impedir de ser avaliado, inovar sem inovar-se; quem não sabe pensar, acredita no que pensa, mas quem sabe pensar, questiona o que pensa; tudo pode ser dito, se bem fundamentado, ou seja, só pode ser dito o que tiver devido fundamento; vale a autoridade do argumento, não o argumento da autoridade. (DEMO, 2004, p. 33 e 34)

Tal afirmação nos leva a pensar na importância da pesquisa, de modo que, tanto o professor quanto o aluno, ao fazerem afirmações baseadas no senso comum, reflitam sobre a fundamentação, conforme enfatiza o autor: “[...] tudo pode ser dito, se bem fundamentado”. Ao argumentar, consciente da sua afirmação, evidencia-se a autoridade do argumento, que fala por si, enquanto o argumento da autoridade não condiz com a dialógica.

Não há um conceito único para o termo dialética, o que obriga a uma análise que proporcione a compreensão da situação. A respeito da dialética, Konder escreve:

Dialética era, na Grécia antiga, a arte do diálogo. Aos poucos passou a ser a arte de, no diálogo demonstrar uma tese por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão. [...] Na acepção moderna, entretanto, dialética [...] é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação. (KONDER, 2000, p. 7- 8).

Ao se falar em avaliação dialética, intui-se um entendimento relacionado à mudança, à contradição e à transformação do modo como se vinha fazendo a avaliação no modelo tradicional, mediadas pelo movimento. Dessa forma, é necessário procurar o aprofundamento



desse conceito, bem como sua aplicabilidade, investigando a influência na forma de pensar e agir do indivíduo, no seu desenvolvimento intelectual, no ensino superior.

Para tanto, é importante elucidar o conceito de avaliação, que, segundo Luckesi (2002, p. 85), é “[...] uma atribuição de qualidade a alguma coisa, experiência, situação, ação, vale dizer, o ato de avaliar incide sempre sobre alguma coisa que existe extensiva e quantitativamente”.

Ao avaliar, o professor pode mensurar o desenvolvimento do acadêmico, acompanhando o aprendizado e registrando-o por meio das notas, que evidenciam a somatória de pontos obtidos no processo de aprendizagem. Para Luckesi (2004, p. 4) “[...] importa ter-se claro que os exames são pontuais, classificatórios, seletivos, anti-democráticos (sic) e autoritários”. Nesse aspecto, vejamos que a avaliação é o ato de atribuir qualidade a algo, no caso, ao processo de aprendizagem do indivíduo, analisando se o ensino oferecido foi proveitoso, ou se ainda existe a necessidade de ser retomado; enquanto o exame permeia a esfera de classificar o aprendizado, mensurando em satisfatório e insatisfatório. O resultado é categórico e, uma vez insatisfatório, é excludente, selecionando somente aqueles que obtiveram resultados satisfatórios. Referente a tais considerações, Hadji descreve:

A medida é assim uma operação de descrição quantitativa da realidade. Mas a avaliação, pelo menos em sua forma dominante de prática de notação, não equivale precisamente a atribuir números a coisas? Aí está a origem da ilusão: aparentemente, há identidade formal entre as operações de medida e de notação. A ideia de que a avaliação é uma medida dos desempenhos dos alunos está, como já vimos, solidamente enraizada na mente dos professores... e, frequentemente na dos alunos. (HADJI, 2001, p. 27).

Luckesi define a avaliação, mais profundamente, elucidando a sua origem e objetivo:

O termo avaliar também tem sua origem no latim, provindo da composição a-valere, que quer dizer ‘dar valor a...’. Porém, o conceito ‘avaliação’ é formulado a partir das determinações da conduta de ‘atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação...’, que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado. Isto quer dizer que o ato de avaliar não se encerra na configuração do valor ou qualidade atribuídos ao objeto em questão, exigindo uma tomada de posição favorável ou desfavorável ao objeto de avaliação, com uma conseqüente decisão de ação. (LUCKESI, 1998, p. 76).



Quando descreve a relevância do ato de avaliar, o autor enfatiza a necessidade da compreensão do conceito, que possibilitará ao professor posicionar-se mediante a sua ação avaliativa, consciente das consequências das suas decisões. Tal ação do professor deve estar interligada a fatores distintos, relacionados aos alunos, aos incidentes em sala de aula, tornando-se inviável avaliar, generalizando o comportamento dos indivíduos. Prevalecendo o diálogo, seguido da tolerância e do respeito, fortalece-se a dialógica e possibilita compreender particularmente a necessidade de cada estudante, conforme as necessidades oriundas do processo educativo e das peculiaridades observadas. Hoffmann diz que

[...] o aluno constrói o seu conhecimento na interação com o meio em que vive. Portanto, depende das condições desse meio, da vivência (sic) de objetos e situações, para ultrapassar determinados estágios de desenvolvimento e ser capaz de estabelecer relações cada vez mais complexas e abstratas. Os entendimentos dos alunos são decorrentes do seu desenvolvimento próprio frente a umas e outras áreas de conhecimento. (HOFFMANN, 1993, p 52).

A autora enfatiza a importância da vivência do estudante para o seu processo de aprendizagem. A Construção Discursiva³ do aluno se dá por meio das experiências vivenciadas em todo o seu contexto social, sendo esse a família, a sociedade e a escola; de modo que essas experiências são elucidadas no processo do desenvolvimento intelectual. Esses aspectos são relativos a cada estudante, pois o contexto social de cada um é particular, por isso, a importância de considerar as suas experiências.

Retomando a dialógica, como método de avaliação, com base nas citações anteriores que evidenciam a dialógica na sua origem e aplicação, é oportuno enfatizar a necessidade do respeito ao ser humano, à educação e o amor ao ato de ensinar. Tais ações promovem um ensino pautado na dialógica. Freire em *Pedagogia do Oprimido* escreve:

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de

³ A interpelação do indivíduo enquanto sujeito de seu discurso ocorre por meio de sua identificação com a formação discursiva que o domina, isto é, na qual ele é constituído como sujeito. A identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, se dá, como exposto anteriormente, por meio do interdiscurso, ou melhor, por meio de seus elementos designados como pré-construído e processo de sustentação, que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina. Isso caracteriza que o sujeito é assujeitado pelo simbólico e é no interior desta ordem, determinada por uma formação discursiva, que ele vai significar. (SOUZA, 2009, p. 28).



dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não. Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa da sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. (FREIRE, 1987, p. 80).

A possibilidade de o professor atuar dialogicamente, em sala de aula, por obrigação, é questionável, pois tal atitude se dá pelo compromisso com o indivíduo, com a educação e com a sociedade. Antes de conhecer e se pautar na dialógica como modelo de avaliação, o professor precisa respeitar-se, respeitar a sua profissão, o outro (o estudante) e a sua condição de aluno. Freire (1987, p. 80) questiona: “Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são ‘essa gente’, ou são ‘nativos inferiores’?”. Sentir-se dono da verdade distancia o professor do aluno, sendo essa uma ação característica de um dominador que procura ter o controle do comportamento do estudante. Comportamentos assim são contrários à dialógica. Hoffman expõe que

[...] numa visão **behaviorista**⁴, entende-se o diálogo como o “perguntar e ouvir respostas”. O professor transfere o conteúdo ao aluno e verifica posteriormente o quanto o aluno aprendeu. [...] a avaliação, enquanto relação dialógica, vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e pelo professor, como ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão. Dessa forma a avaliação passa a exigir do professor uma relação epistemológica com o aluno, uma conexão entendida como uma reflexão aprofundada sobre as formas como se da a compreensão do educando sobre o objeto do conhecimento. (HOFFMANN, 1993, p. 148).

Portanto, a aplicabilidade da avaliação dialógica, neste caso, direcionado ao ensino superior, é uma ação que envolve aspectos relevantes, além do estudo e do conhecimento do professor; ainda é necessário que seja flexível, amoroso e respeitoso, que saiba reconhecer as diferenças no aluno e avaliar, considerando as diferenças. É uma ação que envolve, além do

⁴ O termo Behaviorismo foi inaugurado pelo americano John B. Watson, em um artigo (1913) que apresentava o título "Psicologia como os behavioristas a vêem". O termo inglês behavior significa comportamento, daí se denominar esta tendência teórica de behaviorismo. Mas, também utilizamos outros nomes para designá-la, como comportamentismo, teoria comportamental, análise experimental do comportamento. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1992, p. 38).



estudo da avaliação e seus métodos, uma atenção à educação, como um todo, e ao processo de aprendizagem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da pesquisa nos possibilitou compreender a dialógica como uma forma de avaliar, utilizada no processo de ensino, dentro de sala de aula, pautada na mudança e na contradição, como suporte para uma transformação do modo tradicional de avaliar, de forma que a dialógica é mediada pelo movimento e originada da dialética, que diz ser por meio do diálogo possível demonstrar uma tese e argumentar, definindo e distinguindo claramente os conceitos envolvidos na discussão; contradizendo e compreendendo a realidade, como fundamentalmente contraditória e em constante transformação.

Antes de falarmos em avaliação, é necessário retomarmos o conceito inerente ao termo, como sendo o método de conferir a qualidade de uma atitude, ação ou experiência de algo ou alguém, mensurando a quantidade ou a qualidade do objeto ou ação avaliados. No modelo de avaliação tradicional, questionado nesta pesquisa e atribuído como contrário à dialógica, essa mensuração se dá pela somatória dos pontos obtidos como resultados vantajosos e atribuídos, como suficientes, para qualificar o aproveitamento do avaliado, nesse caso, o aluno. Enquanto a dialógica possibilita avaliar o estudante e, em vez de qualificá-lo como apto ou inapto nesse processo, busca identificar, por meio do resultado da avaliação, os pontos em que necessita melhor atenção e promover uma retomada para confrontar e questionar as ideias por meio do diálogo, com o intuito de elucidar a teoria antes mal compreendida.

Dialogicamente, avaliar é construir o conhecimento fundamentado nas experiências de cada um que está inserido no processo educativo, e, por meio do processo ação-reflexão-ação obter resultados convenientes e satisfatórios a todos. Promove-se pelo respeito às condições de cada um, pelas suas atitudes e contribuição ao processo; é permeado principalmente pela paciência e dedicação. O professor, além de mediador do conhecimento, é parte do processo, responsável por promover questionamentos e conduzir o diálogo para chegar ao resultado esperado, ou seja, a construção do conhecimento.



A pesquisa mostrou a importância de o professor conhecer as razões inerentes à dialógica e permitir a transformação das suas atitudes. Não existe dialógica sem o diálogo e o questionamento que resulta na transformação; trata-se de um contexto, e não de atitudes isoladas; requer dedicação, esforço, reconhecimento e, acima de tudo, amor pela profissão, pelo outro e esperança na transformação oriunda do seu trabalho. Transformação que não necessariamente será efetivada em consonância com a sua atitude, de modo que as atitudes dialógicas do professor são como sementes plantadas, que, se cultivadas, poderão crescer, florescer e gerar frutos, futuramente.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, Ana, FURTADO, Odair e TEIXEIRA, Maria. **Psicologias**. Uma introdução ao estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1992. Disponível em: <<http://://chasqueweb.ufrgs.br/~slomp/edu01011/bock-behaviorismo.pdf>>. Acesso em 19 jan. 2013.

CUNHA, Maria Isabel. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 1998.

DEMO, Pedro. **Universidade, aprendizagem e avaliação: horizontes reconstrutivos**, Porto Alegre: Mediação 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 17 ed. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

KONDER, Leandro. **O que é dialética?** 28 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Verificação ou avaliação: o que pratica a escola?** Série Ideias, São Paulo, n. 8, p. 76, 1998.

_____. **Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais**. Eccos Revista Científica, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 85, 2002.

_____. **Considerações gerais sobre avaliação no cotidiano escolar**. Revista Aprender a Fazer, Curitiba, n. 36, p. 4, 2004.

SOUZA, Renata Adriana de. **A construção discursiva de crianças e adolescentes em documentários brasileiros: real, simbólico, imaginário**. Maringá: UEM, 2009. Dissertação



Revista FACISA *ON-LINE*. Barra do Garças – MT, vol. 03, n. 01, p. 05-12, abr., 2014. (ISSN 2238-524)
SUPLEMENTO ESPECIAL – INICIAÇÃO À PESQUISA

(Mestrado em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Maringá,
2009.